



*Artigo*  
*Article*

**EMOÇÕES E MORALIDADES NO URBANO CONTEMPORÂNEO:  
PROBLEMATIZAÇÕES SOCIOANTROPOLÓGICAS DA  
EXPERIÊNCIA SOCIAL NO OESTE POTIGUAR**

*EMOTIONS AND MORALITIES IN CONTEMPORARY URBAN LIFE:  
SOCIOANTHROPOLOGICAL PROBLEMS OF SOCIAL EXPERIENCE IN THE WESTERN  
POTIGUAR*

Raoni Borges Barbosa<sup>1</sup>

**RESUMO:** O Projeto de Pesquisa em tela pretende abrigar esforços de pesquisa, orientação e divulgação científica, em sentido amplo, sobre Emoções e Moralidades no Urbano Contemporâneo, mais especificamente desde os Quadros da Experiência Social (GOFFMAN, 2012) relatados em bases etnográficas, de observação-participante, de observação direta, de objetivação participante e de levantamento bibliográfico produzidos no ou que rematam ao Oeste Potiguar, com destaque para a cidade de Mossoró/RN. Este recorte teórico-metodológico e temático implica na delimitação de objetos analíticos em termos de temporalidades (de 1970 até o presente), de espacialidades (o urbano contemporâneo brasileiro) e de perspectivização socioantropológica (teorias em Ciências Sociais e Humanas que abordem a Questão Urbana desde a perspectiva simbólico-interacional, etnometodológica e fenomenológica dos processos intersubjetivos, de construção do self e de culturas emotivas e morais). Nesse sentido, o Projeto de Pesquisa em tela se organiza em quatro eixos teórico-metodológicos e temáticos, de modo a nuançar e matizar os Quadros da Experiência Social em suas diversas geometrias, sintaxes e semânticas cotidianas de contextos, situações e narrativas urbanas, visuais, ideológicas e mesmo artísticas. **Palavras-chave:** emoções e moralidades, urbano contemporâneo brasileiro, quadros da vida social, Oeste Potiguar, problematizações socioantropológicas.

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia. Pesquisador bolsista DCR-CNPq FAPEPI. Vice-coordenador do Grupo de Pesquisa sobre Identidades Coletivas, Conhecimentos Tradicionais e Processos de Territorialização da UFPI. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFPI - PPGAnt. Professor Visitante da UFRR. E-mail: [raoniborgesbarbosa@gmail.com](mailto:raoniborgesbarbosa@gmail.com)

**ABSTRACT:** The Research Project in question aims to support research, guidance and scientific dissemination efforts, in a broad sense, on Emotions and Moralities in Contemporary Urban Environments, more specifically from the Frameworks of Social Experience (GOFFMAN, 2012) reported on ethnographic bases, participant observation, direct observation, participant objectification and bibliographic survey produced in or ending in the West Potiguar, with emphasis on the city of Mossoró/RN. This theoretical-methodological and thematic approach implies the delimitation of analytical objects in terms of temporalities (from 1970 to the present), spatialities (the contemporary Brazilian urban environment) and socio-anthropological perspective (theories in Social and Human Sciences that approach the Urban Question from the symbolic-interactional, ethnomethodological and phenomenological perspective of intersubjective processes, construction of the self and emotional and moral cultures). In this sense, the Research Project in question is organized into four theoretical-methodological and thematic axes, in order to nuance and tone the Frameworks of Social Experience in their diverse geometries, syntaxes and everyday semantics of urban, visual, ideological and even artistic contexts, situations and narratives. **Keywords:** emotions and moralities, contemporary Brazilian urban areas, social life scenarios, Oeste Potiguar, socio-anthropological problematizations.

## INTRODUÇÃO

Este Projeto de Pesquisa, intitulado *Emoções e Moralidades no Urbano Contemporâneo: problematizações socioantropológicas da experiência social no Oeste Potiguar*, dá continuidade a um conjunto de inquietações parcialmente desenvolvidas no triênio 2018 – 2019 – 2020 mediante a consecução do Projeto de Pesquisa *Emoções e Moralidades, Lugares e Memórias: Uma abordagem antropológica do urbano contemporâneo desde a tradição simbólico-interacionista de Erving Goffman* (BARBOSA, 2019a). Nesse sentido, os trabalhos investigativos, de orientação e de produção bibliográfica preservam e aprofundam a leitura e a problematização goffmaniana e simbólico-interacionista do social e da cultura sob a ótica das Emoções e Moralidades no urbano contemporâneo.

Entretanto, a experiência de pesquisa já acumulada agora permite uma delimitação mais precisa dos objetos analíticos construídos, de modo que, diferentemente do projeto de pesquisa do triênio anterior, a proposta atual parte da observação e monitoramento de contextos, de situações e de narrativas concretos; expandindo, assim, as possibilidades de interlocução teórico-metodológica com campos etnográficos em efervescência. O Projeto de Pesquisa em tela, assim, pretende abrigar esforços de investigação empírica e problematização teórica em torno dos Quadros da Experiência Social (GOFFMAN, 2012) relatados em bases etnográficas, de observação-participante, de observação direta, de objetivação participante e de levantamento bibliográfico produzidos no ou que rematam ao Oeste Potiguar, com destaque para a cidade de Mossoró/RN.

Este recorte teórico-metodológico e temático implica na delimitação de objetos analíticos em termos de temporalidades (de 1970 até o presente), de espacialidades (o urbano contemporâneo brasileiro) e de perspectivização socioantropológica (teorias em Ciências Sociais e Humanas que abordem a Questão Urbana desde a perspectiva simbólico-interacional, etnometodológica e fenomenológica dos processos intersubjetivos, de construção do self e de culturas emotivas e morais). Desta forma, o Projeto de Pesquisa em tela se organiza em quatro eixos teórico-metodológicos e temáticos, de modo a nuançar e matizar os Quadros da Experiência Social em suas diversas geometrias, syntaxes e semânticas cotidianas de contextos, situações e narrativas urbanas, visuais, ideológicas e mesmo artísticas.

Os quatro eixos teórico-metodológicos e temáticos, que podem ser entendidos como subprojetos interconectados que compõem o projeto mais amplo, são:

- a) Culturas emotivas e morais em sociabilidades urbanas de pequena e média escala: estudos de no oeste Potiguar;
- b) Os Warao em Mossoró: a dinâmica migratória e o processo de aldeamento urbano no cenário pandêmico da Covid-19;
- c) Teoria Social e Cinema: Emoções e Moralidades no Urbano Contemporâneo a partir de narrativas fílmicas;
- d) Admirável Mundo Novo: processos descivilizadores e de refundação autoritária da brasilidade sob a ótica das Emoções e Moralidades.

A estruturação do Projeto de Pesquisa em quatro eixos teórico-metodológicos e temáticos pretende a expansão do diálogo da Antropologia e Sociologia das Emoções e Moralidades com campos etnográficos e com linhagens teóricas que problematizem não somente a Questão Urbana, a Questão Moral e a Questão das Emoções na atual sociedade complexa ocidental, mas também abarquem estudos e investigações a) sobre as Relações Étnico-Raciais envolvendo migrantes, refugiados e apátridas a nível local; b) sobre os processos políticos nacionais e as conseqüentes reverberações locais de redefinição da Cultura, da Identidade e do Estado; e, por fim, c) sobre como as narrativas fílmicas, - enquanto produtos da indústria cultural destinados ao consumo de públicos massificados em sociabilidades cada vez mais *digitalizadas*, - podem ser lidas e apropriadas sociológica e antropológicamente como testemunho das culturas emotivas e morais locais do tempo presente.

Este Projeto de Pesquisa *Emoções e Moralidades no Urbano Contemporâneo: problematizações socioantropológicas da experiência social no Oeste Potiguar*, portanto, objetiva o diálogo e a fertilização interdisciplinar de campos etnográficos e posturas teórico-metodológicas. Tem o intuito de aproximar pesquisadores, docentes e discentes, grupos e programas de pesquisa.

## **APONTAMENTOS TEÓRICOS**

O Projeto de Pesquisa *Emoções e Moralidades no Urbano Contemporâneo: problematizações socioantropológicas da experiência social no Oeste Potiguar* tem por categoria analítica central a noção goffmaniana de Quadros da Experiência Social, definida pelo autor (GOFFMAN, 2012, p. 10) como “[...] uma coletividade de definições de situações que governam eventos sociais e nosso envolvimento subjetivo neles”. Os *frames* ou *enquadramentos*, nesse sentido, apontam para as modulações subjetivas e intersubjetivas que, em termos moral-emocionais e cognitivo-comportamentais, são elaboradas e comunicadas por atores e agentes sociais em situações, ocasiões e contextos reais de envolvimento relacional e simbólico com a cultura emotiva, moral e material de uma sociabilidade concreta.

Partindo desse entendimento, situamos a *análise de quadros da experiência social* proposta por Erving Goffman como elemento norteador e justificador das investidas teórico-metodológicas que serão iniciadas, - e retomadas, - nesse Projeto de Pesquisa. O questionamento central neste modelo de análise microorientada da interação simbólica pode ser sintetizado na pergunta *O que está acontecendo aqui?*, donde as definições e modos de justificação da situação por parte de atores e agentes sociais devem ser

zelosamente aprendidas e etnografadas pelo pesquisador e, então, sociológica- e antropologicamente debatidas. Nas palavras de Goffman (2012, p. 34), mais uma vez:

As definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra [usada para se] referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar [...] a expressão “análise de quadros” é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência.

O Projeto de Pesquisa pretende analisar e desestabilizar a obra de Goffman a partir de sua etnografia urbana, - nas sociabilidades modernas politextuais e heterárquicas, - sobre o processo cotidiano de interação e produção intersubjetiva (SIMMEL, 2006) no lugar complexo do urbano contemporâneo, em que fenômenos como a ação social estratégica e o self segredo em papéis ritualizados se organizam. Esta organização se faz não como desordem, desvio ou limitação estrutural, mas como pluralidade normativa, assimetria comunicacional e horizonte indeterminado para a perene invenção e reinvenção cultural (WAGNER, 2012) e para a tensa negociação de hierarquias e fronteiras simbólicas, de memórias<sup>2</sup> e de sentimentos de pertença, de formas de identificação e de escalas sociais, compondo culturas emotivas e gramáticas morais, repertórios simbólicos e ritualidades próprios.

Uma cultura emotiva se caracteriza como lugar de pertença e de realização de projetos, mas também lugar de medos e de envergonhamento. O conceito de cultura emotiva, destarte, abarca as cadeias de interdependência (ELIAS, 1994) e as teias de significado (GEERTZ, 1978) construídas nos processos intersubjetivos cotidianos. A pertença, como emoção basilar de uma cultura emotiva, é o lócus social da manifestação da normalidade normativa e do exercício de semelhança e dessemelhança nos processos de formação de individualidades, de registros únicos de experiência e significação mediante trocas materiais e simbólicas entre indivíduos sociais localmente situados. Indivíduos estes munidos de mapas cognitivos e emocionais que permitem leituras e visões de mundo em um lugar de fala próprio, mas sempre cultural e socialmente satisfeitos.

A conformação do self individual se realiza na sua inserção em uma cultura emotiva dada, onde constrói relações e através delas desenvolve um sentido identitário e de pertença a um espaço interacional e societal. As emoções são, enquanto fato social total (MAUSS, 2003), resultado das relações entre indivíduos e grupos, abrangendo códigos morais e de conduta e gramáticas de sentidos e estranhamentos tecidos no jogo cotidiano das relações. As emoções são os sentimentos dirigidos ao outro e construídos e comunicados no jogo interacional. As emoções, portanto, se objetificam conforme os processos intersubjetivos se cristalizam em códigos de moralidades, memórias,

---

<sup>2</sup>A noção de *memórias* - em expansão ao postulado por Nora (1993) como vivência autêntica e acrítica da tradição, - foi articulada nessa pesquisa como prática de reinvenção identitária, de manipulação de identidades deterioradas e de apresentação oportuna, crítica e reflexiva de si. As *memórias*, nesse sentido, vinculam-se a carreiras morais inscritas em disputas por *lugares*, e estes, conseqüentemente, à legitimidade de atores e agentes sociais na expressão pública de repertórios morais e emocionais em um urbano multifacetado e diverso. As *emoções* e as *moralidades*, os *lugares* e as *memórias* formam e informam, assim, o cotidiano relacional precipitado das interações psíquicas e dos palcos e contextos interacionais armados por atores e agentes sociais em jogo comunicacional.

hierarquias e fronteiras sociais, em projetos individuais e coletivos. São, assim, emoções específicas no interior de uma cultura emotiva que orientam a ação, o discurso e as representações sociais, entre outros. As emoções são entendidas como fenômeno social total (MAUSS, 2003, p. 237ss), que abarca as subjetividades, a cultura objetiva por elas construída e o processo intersubjetivo de construção de sociabilidades. As emoções, assim, constituem um idioma, uma linguagem e uma gramática das relações sociais. Da perspectiva do ator, as emoções são as teias de sentimentos dirigidas aos relacionais; enquanto da perspectiva da interação, as emoções se apresentam como as relações e as teias de sentidos entre os atores e agentes sociais.

A tônica do pensamento simbólico-interacionista de Erving Goffman se encontra na análise da ordem ritual interacional como fundamento do mundo moral e da ordem social, construídos estes pela ação simbólica reciprocamente direcionada. As relações sociais são vistas não como algo estruturado e estabelecido de uma vez por todas, mas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo dos interactantes, de modo que os atores e agentes sociais são observados em seus palcos interacionais, onde desempenham papéis sociais específicos conforme a situação em que se deslocam performaticamente compondo *rostos em jogo, linhas, fachadas* e exercitando *estratégias de aproximação, afastamento e evitação do outro*.

Erving Goffman propõe, desta forma, o estudo do *ritual de interação* a partir da análise da interação face a face em ambientes naturais, de modo a compreender as propriedades rituais da *pessoa* e suas respectivas formas egocêntricas de territorialidade. Este projeto *simbólico-interacionista* de apreensão e compreensão do cotidiano, metodologicamente embasada em descrições densas de base *etnográfica* dos fluxos simbólicos, pretende uma análise do ritual de interação em regimes *públicos* (outro), *semipúblicos* (próximo) e *privados* (íntimo) de relações.

O Projeto de Pesquisa em tela, portanto, no marco de sua justificativa teórico-metodológica e temática, busca compreender os *Quadros da Experiência Social na Cultura Emotiva e Moral Urbana Contemporânea* do Oeste Potiguar com base nos quatro enquadramentos teóricos e etnográficos propostos em forma de subprojetos: a) Culturas emotivas e morais em sociabilidades urbanas de pequena e média escala: estudos de no oeste Potiguar; b) Os Warao em Mossoró: a dinâmica migratória e o processo de aldeamento urbano no cenário pandêmico da Covid-19; c) Teoria Social e Cinema: Emoções e Moralidades no Urbano Contemporâneo a partir de narrativas fílmicas; d) Admirável Mundo Novo: processos descivilizadores e de refundação autoritária da brasilidade sob a ótica das Emoções e Moralidades.

## **CULTURAS EMOTIVAS E MORAIS EM SOCIABILIDADES URBANAS DE PEQUENA E MÉDIA ESCALA: ESTUDOS DE NO OESTE POTIGUAR**

Nessa proposta de pesquisa, interessa problematizar e discutir o médio e o pequeno urbano do Oeste Potiguar como lócus de processos intersubjetivos tensos e densos, de estilos de vida plurais e de múltiplas arenas públicas em disputa moral. Em que sentidos, portanto, a observação participante e a etnografia do médio e o pequeno urbano do Oeste Potiguar desestabiliza os Estudos Urbanos clássicos e contemporâneos? O que acontece ali, - na cidade de Mossoró e na cidade de Caraúbas, para citarmos campos etnográficos em exploração, - em termos de produção de culturas emotivas e morais, de construção de formas de identificação, de elaboração de discursos e narrativas de si e do

outro, de mobilização política e de empreendimento moral (BECKER, 2008), de violência física e simbólica na forma de disputa moral ou mesmo de criminalidade, de ritualidade e dramaticidade religiosa e festiva (TURNER, 2008 e 2013)?

A vida urbana na modernidade (SIMMEL, 1970, 1998, 1998a, 1998b, 1998c, 2005) tem sido compreendida como o espaço da multidão de anônimos conectados por múltiplos vínculos fracos e contatos secundários e culturalmente diversos e funcionalmente recíprocos, de modo que as personalidades individuais podem experimentar a individualidade e a singularidade de trajetórias pessoais, assim como a superficialidade das relações pautadas na economia monetária, na divisão funcional do trabalho e na separação de esferas domésticas e laborais, privadas e públicas.

O urbanismo (WIRTH, 1979) como estilo de vida na metrópole moderna tem como marcas a impessoalidade, a superficialidade, a transitoriedade e a segmentalidade dos contatos humanos. Neste contexto de ampla desorganização normativa, de intensa proximidade física combinada com grandes distâncias sociais, o urbanita se vê lançado em posturas blasées e de reserva, desenvolvendo condutas e comportamentos esquizóides como cínicos, perdulários, esbanjadores, colecionistas e outros, de modo a compensar a perda da segurança e da pertença próprias dos vínculos comunitários mais estreitos.

A rotina na cidade faz uso de meios generalizados e impessoais de comunicação, com os sinais de trânsito, o relógio, o dinheiro, a moda, o direito positivo e o jornal, conectando os indivíduos sociais em amplas cadeias de interdependência. Tal combinação faz do urbanismo um estilo de vida pautado em liberdades individuais, não mais presas à tradição, mas também de esgotamento e exaustão das forças vitais pelo excesso de estímulos nervosos, de exigências institucionais e de potencialização das vulnerabilidades interacionais nas trajetórias individuais. Hannerz, Wirth, Simmel, Goffman, Becker, Park, Velho e outros autores abordados nesse projeto de pesquisa trazem à discussão, assim, o lugar, as trajetórias e carreiras morais do indivíduo e da individualidade, do self, da subjetividade e da agência no contexto complexo do urbano contemporâneo.

No caso em tela, buscar-se-á desestabilizar esses autores e teorias desde os variados campos etnográficos no Oeste Potiguar, com ênfase para a problematização em perspectivas teórico-metodológicas interdisciplinares da questão do Urbano Contemporâneo Brasileiro desde o instrumental clássico e atual da Antropologia e da Sociologia Urbana. Nesse sentido, a discussão gira em torno das noções de cidade, de bairro, de violência urbana, de processos de gestão neoliberal e de gentrificação de populações e lugares urbanos, de empreendimentos morais e políticos na cidade pauperizada brasileira, do lugar da individualidade e da subjetividade no urbano individualista e privatizado perpassado pela cultura do medo (BARBOSA, 2015 e 2019).

Maricato (2000, p. 24), - na esteira de Ianni (2004) e de outros intérpretes da sociedade e da cultura brasileiras, - sintetiza, a partir dos efeitos do caminho político-econômico-social que engendrou o urbano brasileiro, na noção de *tragédia urbana brasileira*, a atual figuração das redes de cidades que acomodam mais de 80% da população nacional em um quadro de pouquíssimas megalópoles, poucas cidades de médio porte e muitas pequenas cidades, com destaque para o fenômeno da *violência urbana endêmica* que supera situações de guerra tradicional entre Estados beligerantes e para o fenômeno da *cidade invisível*, favelizada, precarizada e perpassada por riscos ambientais:

A tragédia urbana brasileira... Tem suas raízes muito firmes em cinco séculos de formação da sociedade brasileira, em especial a partir da privatização da terra (1850) e de emergência do trabalho livre (1888). [...]

O inchamento das cidades – que não desenvolveram suficientemente sua capacidade produtiva para atender com emprego à população imigrante, que acaba relegada ao terciário formal –, a “desarticulação da rede urbana” com a formação de megapólos desproporcionais, o “tecido urbano truncado”, entre outros tópicos, são teses e conceitos que não disfarçam a matriz em relação à qual o desvio é apontado (Castells, 1973). Imperialismo, dependência, fordismo periférico, de alguma forma a “macrocefalia” deve ser explicada”.

Maricato (2000 e 2015), nesse mesmo diapasão, discorre sobre o fenômeno social global da *brasilianização* do espaço urbano como forma de entender o modelo de modernização conservadora em sua mais recente fachada neoliberal, que combina, nos países da América Latina e já também nos países europeus, produtividade econômica concentradora de renda com subdesenvolvimento social e práticas políticas tradicionalistas. Este complexo fenômeno de *brasilianização* das relações sociais e das cidades se caracteriza, assim, pela combinação de: mercado de trabalho informal, flexibilizado; Estado patrimonialista, privatizado pelas oligarquias; Economia desregulada ou hiper-regulada para preservar privilégios; proliferação de personagens urbanos e de condutas liminares entre o legal e o ilegal, tais como o despachante, o laranja, o especulador, o atravessador, o coyote; a enorme distância cotidiana entre Lei e Realidade; a correlação acentuada entre violência urbana e desigualdade social e a segregação étnico-racial de amplas parcelas da população; e a constatação do Direito, na prática, à invasão de espaços públicos (realizada por condomínios para as classes abastadas, por um lado, e pelas favelas, por outro lado) em detrimento do Direito à cidade enquanto espaço público de qualidade de vida.

Nas palavras da autora (MARICATO 2000, p. 31) fica claro como o espaço urbano brasileiro evoluiu segundo um modelo de urbanização periferizada, de modo que o direito à cidade foi substituído pela propriedade da mesma:

[...] o proprietário privado se tornou poder político, econômico e social. [...] A industrialização baseada em baixos salários determinou muito do ambiente a ser construído. ao lado do grande contingente de trabalhadores que permaneceu na informalidade, os operários empregados do setor industrial não tiveram seus salários regulados pela necessidade de sua reprodução, com a inclusão dos gastos com moradia [...].

Franco (2014), por sua vez, em sua discussão sobre o urbano periferizado, segregado e hierarquizado da cidade do Rio de Janeiro, - a grande metrópole lúdica do carnaval brasileiro, - discorre sobre como a lógica de reprodução do capital se apresenta coletivamente em representações mercadológicas de uma *cidade mercadoria*, cujos problemas sociais são fetichizados em projetos de intervenções urbanas para limpeza, revitalização, urbanização e reurbanização de áreas socialmente críticas e de risco.

De acordo com Franco, a Política de Segurança Pública pautada nos projetos de implementação de UPPs (as UPPs – Unidades de Polícias Pacificadoras foram concebidas originariamente no Rio de Janeiro e, ato contínuo, propagandeadas ideológica e institucionalmente por todo o Brasil) significou a produção de um contexto urbano de militarização da periferia urbana e dos territórios teoricamente pacificados, sem haver, contudo, impactado como transformações qualitativas nas relações de exclusão social dos

pobres urbanos da cidade oficial e na forma de apropriação da pobreza urbana pelo discurso, por parte da mídia e da Administração Pública, de falência moral e civilizacional diante da violência urbana endêmica.

A estratégia das UPPs, deste modo, refletia a recomposição da Política de Segurança Pública atrelada à penalização da pobreza sob o pretexto de “guerra às drogas” e de combate à “insegurança social”, e à pacificação de territórios para a expansão dos ciclos de reprodução do capital imobiliário especulativo em um urbano cada vez mais saturado.

Estas pesquisas sobre a *tragédia urbana brasileira*, a *violência urbana endêmica*, a *cidade invisível*, a *cidade mercadoria*, a *cidade de muros e do crime*, o processo histórico nacional de *modernização forçada* em bases de sociabilidades urbanas e culturas emotivas e morais de medo, entre outras, devem orientar os estudos, - em andamento (SILVA et al, 2020; SOUSA e BARBOSA, 2020, 2021, 2021a e 2021b; SOUZA et Al, 2021) ou por iniciar, - do médio e do pequeno urbano do Oeste Potiguar sob a ótica das Emoções e Moralidades. O urbano, nesse sentido, aparece de forma tensa ora como lócus de sociabilidades e culturas emotivas e morais, ora como variável dependente em sentido mais macroestrutural e reificado, sendo, assim, compreendida em função de racionalidades econômicas e políticas.

## **OS WARAO EM MOSSORÓ: A DINÂMICA MIGRATÓRIA E O PROCESSO DE ALDEAMENTO URBANO NO CENÁRIO PANDÊMICO DA COVID-19**

O contexto nacional brasileiro de pandemia da Covid-19, bem com a condição de minoria étnica refugiada dos Warao, implicou em enormes esforços institucionais de grupos privados de apoio a populações em situações de vulnerabilidade social e órgãos públicos de assistência social para a acomodação dos Warao no urbano mossoroense (SILVA e BARBOSA, 2020; SILVA e BARBOSA, 2020a). No enquadramento moral e emocional da situação de confronto interétnico com os Warao, a perspectiva da nossa pesquisa sobre suas especificidades socioculturais e contrastividades étnicas ganha dimensões mais amplas, de engajamento, onde a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte tem desempenhado um papel fundamental na articulação da garantia de seus direitos.

Considerando a especificidade da dinâmica migratória do povo Warao (MUÑOZ, 2009 e 2019), abordaremos aspectos de suas experiências na cidade de Mossoró, a partir de suas principais demandas, como o acompanhamento e a assistência pelos órgãos governamentais, e com isso, o direito à moradia, à saúde, à educação, à alimentação, e demais estratégias de integração dos Warao em seu aldeamento urbano. Em Mossoró, atualmente, vivem 13 famílias Warao, num total de 48 pessoas, sendo 23 são crianças e adolescentes em idade escolar. As famílias estão abrigadas em espaços cedidos pelo Lar da Criança Pobre, nos bairros Barrocas e Ouro Negro.

A crise econômica na Venezuela que se intensificou ao longo dos últimos anos, potencializou os fluxos migratórios dos Warao para zonas urbanas, incluindo os países vizinhos, como o Brasil. Podemos afirmar, a priori, que a vinda dos Warao para as cidades brasileiras é motivada principalmente pelas necessidades básicas de sobrevivência, pela busca do alimento, do trabalho e do dinheiro. Essa prática migrante é conforme os estudiosos uma característica da mobilidade deste povo. E isso acarreta a oscilação na quantidade de indígenas em cada localidade em que eles passam.

Os primeiros registros da presença do povo Warao em território brasileiro remetem ao ano de 2014, quando começaram a ingressar por terra no estado de Roraima. E a partir de meados de 2016, se iniciaram novos deslocamentos, os levando de Pacaraima (RR) e Boa Vista (RR) para Manaus (AM), Santarém (PA) e Belém (PA). Finalmente, no primeiro semestre de 2019, os Warao passaram a se deslocar para capitais e cidades de médio porte da região Nordeste, havendo registros de sua presença em São Luís, Imperatriz e Açailândia, no Maranhão, Campo Maior e Floriano, no Piauí, Fortaleza, Caucaia, Itarema e Sobral, no Ceará, Natal e Mossoró, no Rio Grande Norte, Recife e Caruaru, em Pernambuco, João Pessoa e Campina Grande, na Paraíba, Aracaju, em Sergipe, Maceió, em Alagoas, Salvador e Feira de Santana, na Bahia (SANTOS, SONEGHETTI & TARRAGÓ, 2018).

É nesse contexto de fluxo migratório, do ano de 2019, que Warao chegaram à cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. E é na perspectiva de pensar as emergências contemporâneas relacionadas a crises político-sociais que levaram o povo Warao a situação atual de imigrantes no Brasil, que objetivamos pautar nossas prévias reflexões, partindo do contexto urbano local em que estamos inseridos. Nesse sentido, a questão goffmaniana *O que está acontecendo aqui?* será respondida a partir dos enquadramentos morais, emocionais, cognitivos e comportamentais da experiência social do povo Warao enquanto população migrante, refugiada, estrangeira, culturalmente estranha e socialmente em processo de integração no urbano mossoroense e territórios adjacentes, envolvendo, assim, problematizações étnico-raciais, sobre Direitos Humanos, sobre fricção interétnica etc.

Cabe aqui uma investigação teórica mais pormenorizada sobre a forma de os Warao se organizarem como sociedade translocal, cujas unidades político-econômicas seriam os aldeamentos urbanos agregadores de famílias aparentadas. Estas breves considerações para um esboço analítico, ao centrar três focos de problematização da normalidade normativa da cultura emotiva Warao, - a dinâmica migratória, a dinâmica econômica e a dinâmica sociopolítica cotidiana, - aponta para uma série de questões e hipóteses de uma pesquisa acadêmica ainda em gestação.

Dentre estes, os seguintes se destacam como direcionamentos para o trabalho etnográfico sobre as especificidades socioculturais Warao: os usos da língua Warao e de variações crioula; a preservação da alimentação e do vestuário étnico Warao; a organização do cotidiano de tarefas públicas e privadas do grupo Warao local; os discursos e práticas de religiosidades, sacralidades e ancestralidades Warao; o lugar da mulher e da criança no grupo; a organização política do grupo centrada na autoridade do Aidamo; a articulação de moralidades de fachada e de bastidores; os projetos Warao de permanecer no Brasil; as estratégias econômicas de sobrevivência em curto, médio e longo prazo; os modos Warao de interferência no urbano; a relação Warao com o Estado e com a cultura e sociedade acolhedora; as rotas migratórias mediadas pelo parentesco; as elaborações identitárias Warao no confronto com a cultura e sociedade mossoroense.

Este amplo leque temático permite, em linhas gerais, a articulação de perspectivas teórico-metodológicas clássicas e contemporâneas em Antropologia para a organização de uma pesquisa acadêmica sobre os Warao em Mossoró-RN, em um primeiro momento. E, mais adiante e com a colaboração da rede de pesquisadores interessados que por ora se encontra em gestação, para estudos mais ousados sobre os Warao no Brasil.

## TEORIA SOCIAL E CINEMA: EMOÇÕES E MORALIDADES NO URBANO CONTEMPORÂNEO A PARTIR DE NARRATIVAS FÍLMICAS

A abordagem socioantropológica do social e da cultura brasileira desde narrativas fílmicas específicas minimamente relevantes em termos de público de massas consumidor parte, - nessa proposta de Projeto de Pesquisa, - do entendimento de Ingold (2019) da Antropologia como *filosofia com as pessoas dentro*, de maneira que à análise em tela interessa perceber o uso concreto e histórico por atores e agentes sociais dos signos publicamente utilizados em seus respectivos preenchimentos e associações simbólicas, paradigmáticas e sintagmáticas cotidianos. Nas palavras de Ingold (2019, p. 8):

Os antropólogos, ao contrário, praticam a sua filosofia no mundo. Eles estudam – sobretudo por meio de um envolvimento profundo na observação, no diálogo e na prática participativa com os povos entre os quais eles elegem trabalhar. A escolha depende das experiências e dos interesses particulares, mas, em princípio, poderia ser qualquer povo, em qualquer lugar. Na minha definição, a antropologia é a filosofia com as pessoas dentro.

Se Ingold situa o papel crítico e reflexivo da Antropologia como *filosofia com as pessoas dentro*, enfatizando a alteridade e o presente etnográfico na construção de saberes, as palavras de Barthes (2013, p. 41), por seu turno, destacam a potência do signo como elemento estruturador da interação simbólica:

Todo signo inclui ou implica três relações. Primeiramente uma relação interior, a que une seu significante a seu significado; em seguida, duas relações exteriores: a primeira é virtual, ela une o signo a uma reserva específica de outros signos, da qual o destacamos para inseri-lo no discurso; a segunda é atual, junta o signo aos outros signos do enunciado que o precedem ou lhe sucedem.

Nesse entendimento de que narrativas fílmicas expressam usos e abusos estratégicos de signos públicos, a abordagem dos *tópicos literários*, dos *personagens típicos* (ECO, 2004) e das *iconografias tradicionais* (GINZBURG, 2014) destes contos morais para multidões anônimas e atomizadas, - bem como suas *tonalizações* (GOFFMAN, 2012) para o uso ordinário e cotidiano, - possibilita o acesso aos Quadros da Experiência Social de uma cultura emotiva e moral específica. Nesse sentido, cabe a investigação não somente do contexto de produção da narrativa fílmica sob análise, como também aquele de recepção e consumo da mesma (MANDELBAUM, 2003).

Os conceitos de *tópico literário* e de *personagem típico*, no entender de Eco (2004), apontam para o uso crítico, apelativo e ousado de situações e figuras já artisticamente consagradas em um discurso facilmente assimilável pelo consumidor médio, de modo que prescinde de narrativas densas e originais, ao passo que é rapidamente capturada em abstrações conceituais do tipo pobre virtuoso, viúva sofredora, sertão miserável, terceiro mundo sob exploração imperialista e etc.

Esta argumentação em muito se aproxima das leituras feitas por Ginzburg (2014, p. 7-14) dos repertórios de iconografia política da tradição ocidental como representações públicas, e passíveis de ampla popularização, ao mobilizar fórmulas de emoções (pathosformel) e fórmulas de ideias (logosformel), condensando-se na memória social como *tópicos narrativos* e como *figuras típicas*.

Goffman (2012), por sua vez, entende por *tonalização* o jogo criativo e reflexivo de desestabilização, de provocação, de devaneio e de fantasia, de jocosidade e de irreverência, de brincadeira e de roteirização reinventada da tradição, de modo a compor narrativas críticas e reflexivas novas sobre o já tradicional, antigo e velho; o que configura processos complexos de reinvenção cultural (WAGNER, 2012). Esta abordagem antropológica do fenômeno semiótico, com efeito, remete à seguinte reflexão de Geertz (2015, p. 100):

“Semiótica” se tornou uma palavra um pouco delicada e muitas vezes de referência incerta a ponto daquilo que ela significa mudar e proliferar. Meu uso dela é simplesmente o original proposto por Saussure, “a ciência da vida dos signos na sociedade”, sem outro compromisso seja com as variedades formalísticas dela que se desenvolveram na tradição estruturalista seja com as variedades escolásticas que se desenvolveram na tradição peirceana. A concepção de Wittgenstein, segundo a qual o pensamento (sentimentos, crenças interpretação, juízos) é uma atividade pública, veiculada não na “cabeça”, no “coração”, ou em algum outro lugar público inatingível, mas no mundo em *plein air* por meio de sistemas de sinais – em que o significado surge no uso, e o uso é social – é a noção fundamental. O resto deve provir da análise descritiva. E embora os signos envolvidos sejam, até aqui ao menos no que concerne aos entes humanos, predominantemente linguísticos, não são exclusivamente assim: imagens, números, melodias, gestos e, no caso em discussão, objetos do ambiente construído (ou, igualmente, do não construído) se entrelaçam com as palavras, e as palavras, com eles, para produzirem a rede de percepções que debilmente chamamos “experiência”.

A apreciação de uma narrativa fílmica específica se situa, portanto, como um exercício de compreensão da vida dos signos na sociedade, isto é, das dinâmicas morais e emocionais, expressivas e comportamentais de enunciação, negociação, segregação e reinvenção de sentidos no lugar público. Mais que um texto encerrado em si mesmo, o conto moral se insinua como pretexto para a reinvenção cultural da experiência (COSTA, 2019; COSTA e BARBOSA, 2020). O resto, como bem pontuou Geertz, deve provir da análise descritiva.

### **ADMIRÁVEL MUNDO NOVO: PROCESSOS DESCIVILIZADORES E DE REFUNDAÇÃO AUTORITÁRIA DA BRASILIDADE SOB A ÓTICA DAS EMOÇÕES E MORALIDADES**

A atualidade nacional de crise generalizada, de entrincheiramento moral e de discurso de ressentimento e de desfiguração moral no espaço público real e semiótico nacional deve ser considerada no contexto mais amplo de estruturação do quadro político-social brasileiro desde 2014, momento em que o país adentrou em uma espiral de destruição material e simbólica de seus consensos tácitos mais elementares. Este combinado circunstancial de elementos socioculturais da conjuntura sociopolítica brasileira nos leva à retomada do Pensamento Social Brasileiro sobre a Questão Nacional, enfatizando, tal como nos demais subprojetos, a tônica *O que está acontecendo aqui?* goffmaniana para a análise de quadros da experiência social.

No entender de Ianni (2004), a questão nacional brasileira permanece em suspenso e perversamente emaranhada como uma complexa problemática cultural sobre que é a sociedade civil, a relação entre Estado e Sociedade, as identidades regionais, os povos nativos, os imigrantes abasileirados, a relação entre campo e cidade, as relações

de gênero, os valores da modernidade ocidental (tais como cidadania, direitos humanos, igualdade formal, liberdade individual, responsabilidade social) em face da violência urbana e, sobretudo, diante da secular e jamais resolvida questão étnico-racial, elemento explosivo fundante da cultura e da sociedade brasileira em suas imensas paisagens distópicas de pobreza, de miséria, de exclusão, de falta, de violência e, paradoxalmente, de negação disto tudo para a afirmação da utopia de brasilidade como lugar sem males.

Não obstante, a pobreza, - principalmente urbana, - tem logrado ela mesma ser o momento de singularidade da cultura nacional, restando aos resquícios de cultura branca europeia do colonizador somente um formato envelhecido e rococó de práticas nostálgicas. A análise socioantropológica da cultura brasileira sintetizada por Schwarzc (2015), nesse diapasão, enquadra bem o cenário relacional distópico brasileiro, - mas prenhe de esperanças, - ao situar os vários gradientes axiológicos, comportamentais, políticos e estéticos que o caracterizam: a nação de recente passado escravista e colonial se pretende um projeto político moderno de cidadania; o país da mestiçagem, da hibridez e da diversidade cultural se apresenta como unidade linguística, jurídica e político-administrativa; o jogo cotidiano de autoritarismo, de personalismo e de violência é oficialmente silenciado por agências oficiais que negam as fronteiras de cor e que afirmam a cordialidade como modo de navegação social amplamente aceito na terra da falta e do excesso.

Seguindo esse argumento, Lira Neto (2017), Darcy Ribeiro (1995), DaMatta (1986, 1997), Gilberto Velho (1999, 1999a, 2003), Octávio Ianni (2004), Alba Zaluar (2003), Mauro Koury (2001, 2003, 2017, 2017a), entre outros estudiosos da cultura e do social no urbano contemporâneo brasileiro construído a partir de uma agenda secular de modernização conservadora (BARBOSA, 2015 e 2019), têm apontado para a pulsante criatividade do Brasil do samba, dos encontros raciais, do povo malandro das ruas, dos sujeitos urbanos, das narrativas oficiosas dos vários Brasis, do homem comum pobre urbano, dos bailes e galeras das favelas; ao passo que estes mesmo autores tem também apontado para a perversa construção do Brasil oficial, institucional e dominado por um punhado de empreendedores morais e políticos distanciados das urgentes causas nacionais.

Ianni (2004), nesse sentido, percebe o Brasil como um país ainda em busca de conceito, moralmente entrincheirado entre as narrativas nacionais identitárias oficiais e oficiosas, em cujos entrechoques se caracteriza de forma *sui generis* a produção sistemática de ressentimento e de desfiguração moral dos elementos mais banais e ordinários aos mais sofisticados e cerimoniais da brasilidade. Elementos estes que deverão ser investigados e problematizados ao longo da pesquisa com base nas noções amplas de Segurança, Cidadania, Justiça e Direito enquanto discursos, narrativas, justificações e projetos individuais e coletivos no horizonte moral e emocional do brasileiro médio; noções êmicas forjadas na experiência social e cultural cotidiana de frustração, de violência, de humilhação, de desfiguração moral e, em síntese, de ressentimento com o social, com o público e com o político (GUSFIELD, 1981 e 1986; HABERMAS, 2012; REGT, 2017).

Goffman (2010) define como estratégias de desfiguração moral as ações de ataque à fachada, à linha e à reputação de um ator e agente social, de modo que as suas possibilidades e horizontes simbólico-interacionais são consideravelmente constrangidos, quando não destruídos. As estratégias de desfiguração moral abarcam, entre outros, a produção de fofoca negativa e de rumores vexatórios, de intrigas, de

revelação de segredos comprometedores e de escandalização de situações sensíveis. Goffman (2011, p. 13-14) entende por linha (*line*) o padrão comunicativo e comportamental que orienta a ação cotidiana dos atores e agentes sociais em relação. Por fachada (*face*) Goffman entende o valor positivo que o ator e agente social reivindica para si, - enquanto jogador social e personagem público de matrizes interacionais, - por meio da imagem que projeta sobre como os outros o classificam durante uma situação dada.

Para Ansart-Dourlen (2009), por sua vez, o *ressentimento* deve ser entendido como uma experiência reiterada de humilhação, de rebaixamento e de inferiorização moral que impele à ação compensatória. Nas palavras de Ansart (2009, p. 22): “A humilhação não provém apenas de uma inferioridade. Ela é a experiência do amor-próprio ferido, experiência da negação de si e da autoestima suscitando o desejo de vingança”. O ressentimento enquanto juízo de valor aponta para uma experiência de desordenamento do mundo, ou seja, o sistema socioafetivo e de posições foi transgredido ou corrompido.

Goffman (2012), neste sentido, aborda o ressentimento de jogadores que gradualmente se descobrem como o “marca” (o otário) da relação, enquanto que, na teoria eliasiana sobre o poder social, o ressentimento é entendido como o sentimento de exclusão ou de inferiorização do *self* dos círculos de pertença e de reconhecimento, de modo que pode ser desenvolvido tanto pelos fracos ou escravos, quando experimentam a frustração de sua ascensão ou emancipação social, quanto pelos senhores, quando experimentam situações de perda de privilégios e decadência material.

Konstan (2009, p.61-62), por seu turno, trata do ressentimento como fenômeno emocional e moral objetificado em um vocabulário expressivo e comportamental próprio. O autor, deste modo, identifica um sentido psicológico, um sentido social e um sentido existencial para esta emoção ou gramática moral. Em sua dimensão psicológica, o ressentimento se apresenta como uma raiva e irritação duradoura, cultivada e acalentada perante uma frustração ou quebra de confiança que põe em xeque a ordem moral e interacional, confundindo desejos, projetos e memórias individuais e coletivas.

De uma perspectiva social, o ressentimento compreende uma humilhação reiterada, ou vergonha desgraça, em razão da desqualificação do sentimento de pertença. O ressentimento, assim, extrapola o sentimento de perda ou de medo da perda da fachada individual em uma situação de ofensa ou injúria à pessoa, mas responde mais particularmente ao preconceito ou discriminação da pessoa enquanto membro de um grupo e identidade coletiva em uma relação entre estabelecidos e outsiders. Enquanto fenômeno existencial, Konstan (2009, p. 61) vale-se de Max Scheler para pontuar que:

[Ressentimento é] uma atitude mental duradoura, causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana. A repressão dessas emoções leva a uma tendência constante de se permitir atribuir valores incorretos e juízos de valor correspondentes. As emoções e afetos primordialmente referidos são vingança, ódio, malícia, inveja, o impulso a diminuir e desprezar.

O ressentimento, neste sentido, emerge como uma paixão vil, obsessiva e duradoura que envenena a subjetividade e o humor do indivíduo atomizado e desfigurado por humilhações reiteradas, incapaz de participar da ordem interacional normal, com suas exigências de decoro, aprumo e vergonha cotidiana, sem recorrer a recursos de ironia, sarcasmo e ofensa moral. Trata-se, assim, de uma emoção que gradualmente se desloca de um objeto ou evento real, pois se volta contra tudo e contra nada em particular.

O lugar simbólico e imaginário do Brasil no cenário internacional das nações civilizadas, com efeito, sofreu enormes deslocamentos na percepção coletiva de normalidade normativa e de orgulho e de vergonha em relação aos ganhos e conquistas nacionais em quesitos como saúde, segurança, democracia, governabilidade, qualidade das lideranças políticas e outros bens públicos desde o ano de ruptura político-social de 2014 (COSTA e BARBOSA, 2020a). Entretanto, deveras importante e curioso, no curso dos *processos descivilizadores e de refundação autoritária da brasilidade*, veio a ser a generalização deste cenário de crise civilizacional, - desdobrada em dimensões de falência social, econômica, política, cultural, e de projetos e trajetórias individuais e coletivas, - bem como os usos e abusos deste cenário de crise civilizacional para o exercício corriqueiro da jocosidade, da elaboração de *fake news* e de *image making* (ARENDT, 1997 e 2010); e, - quiçá até mais grave em termos de continuidade de processos civilizadores (ELIAS, 1993 e 2011), - da desfiguração moral e do ressentimento (GOFFMAN, 2012) que rompe com as posturas próprias da ação comunicativa e semeia as noções corrosivas de fracasso (SCHEFF, 1990) e de ridículo (BERGER, 1966 e 2017).

Estas posturas, no espaço público, obliteram os sentidos da Política (ARENDT, 1997 e 2010) e irritam profundamente mesmo o mais embotado pensamento contrafactual inerente a uma sociedade de riscos em formato de modernidade reflexiva (GIDDENS, 1991 e 2002; BECK, 2007). Esta (des-) e (re-) montagem moral e emocional complexa do mundo da vida e do senso comum do ator e agente social médio brasileiro deve ser, grosso modo, o objeto analítico etnograficamente construído ao longo desta pesquisa, de modo que os quadros da experiência social elaborados desde o urbano contemporâneo do Oeste Potiguar, no marco temporal real e imaginário de 2014 até o presente, satisfaçam ao questionamento goffmaniano *O que está acontecendo aqui?* sobre os *processos descivilizadores e de refundação autoritária da brasilidade*.

## **APONTAMENTOS METODOLÓGICOS**

A pesquisa em tela se organiza metodologicamente como exercício essencialmente etnográfico e de observação e objetivação participante, compreendendo a produção de conhecimento científico sobre a realidade empírica observada como o processo de elaboração de um argumento. Argumento que se constrói a partir de um problema, hipótese ou questão relevante, teoricamente assentado, sobre o real.

Este primeiro elemento estrutural da observação e objetivação participante e da etnografia, o problema, aponta para a forma e o tipo de informação ou material etnografável a ser selecionado em campo, de modo que evidências e provas possam ser geradas para a interpretação, compreensão ou explicação do problema posto como objeto de pesquisa. A etnografia como argumento, portanto, significa a disposição textual de uma descrição, e análise, do real, que compreende a conexão de um problema proposto a uma resposta lógico-racional com base em evidências, justificativas e provas produzidas pelo pesquisador em campo.

A produção de evidências que sustentem a apreciação teórica que o etnógrafo concebe ao problema de pesquisa está vinculada à interpretação que ele produz sobre o real, consistindo a etnografia, em síntese, em um exercício de interpretação do comportamento, da cultura e da sociedade observados. Jacobson (1991), neste sentido, afirma o papel da interpretação das informações selecionadas em campo pelo etnógrafo, seja nas etnografias clássicas, como as de Bateson, Evans-Pritchard e Fortes, quanto nas

etnografias mais recentes, representadas aqui por nomes como Marcus, Clifford e Cushman.

A descrição densa, conceito cunhado por Geertz (2012), como sinônimo da etnografia, abarca o esforço interpretativo por parte do etnógrafo do real descrito e interpretado. A etnografia, neste modelo metodológico, vai além da mera descrição da disposição espaço-temporal de objetos sociais, culturais e físicos, haja vista que o exercício da descrição densa está comprometido com a interpretação que o pesquisador processualmente desenvolve, integrando os objetos descritos nos modos nativos de pensamento e ação mais amplos. Isto consiste em um processo de *ruinação* de teorias e hipóteses lançadas ao campo de pesquisa (NAVARO-YASHIN, 2009).

No entender de Jacobson (1991), o interpretativismo de Geertz elucidou de forma clara o papel da interpretação na elaboração da etnografia como argumento. O próprio Geertz (2012, p. 4), expressando-se em relação ao fazer etnográfico enquanto exercício teórico, de interpretação e de busca dos significados, afirma:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Neste sentido, discorre Jacobson (1991, p.4) sobre Geertz:

De acordo com Geertz, o objetivo da etnografia como descrição densa consiste em entender os quadros de interpretação dentro dos quais o comportamento é classificado e o significado lhe é atribuído. Geertz argumenta... que isso envolve apreender e descrever as estruturas conceituais complexas em termos das quais as pessoas se comportam e entendem esse comportamento. A etnografia, então, é uma questão de interpretar o significado de comportamento com referência às categorias culturais dentro das quais é produzido, percebido e interpretado.

Nas palavras do autor, Geertz não somente teria pretendido acessar os *quadros de interpretação* nativos a partir das práticas e discursos observados no exercício da etnografia, mas também compreender suas *estruturas conceituais profundas*. Geertz sintetiza os objetos a serem etnografados, no seu modelo teórico-metodológico de pesquisa, com base nos conceitos de *ethos* e *visão de mundo* (GEERTZ, 2012), que revelam a lógica societária de um lugar enquanto cadeias reais de interdependência e teias de significado do mundo habitado.

Para o autor:

Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “ethos”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo “visão de mundo”. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas ideias mais abrangentes sobre a ordem (GEERTZ, 2012, p. 93).

O tom da pesquisa, com efeito, é assumidamente geertziano, na medida em que se propõe a interpretar o ethos e a visão de mundo, isto é, os modos nativos de ação e de

realidade que compõem a sua cultura enquanto texto e contexto de sentidos, principalmente quando disponíveis na forma ambígua, no entender de Barthes (2018), da imagem e de suas respectivas ausências e presenças, vozes e silêncios. Mas é também um tom decididamente beckeriano (2008) e, mais ainda, goffmaniano (GOFFMAN, 1988 e 2012), na medida em que problematiza as estratégias individuais e coletivas, oficiais e oficiosas, de circunstancialização das normas e valores sociais e dos repertórios simbólicos e expressivos dos múltiplos lugares, ritualidades e temporalidades que se cruzam nos contextos interacionais e culturas emotivas de sociedades complexas, assim como na formação subjetiva e intersubjetiva de empreendedores morais em ação.

*O que está acontecendo aqui?*, portanto, é o elemento de partida para a exploração teórico-metodológica e temática em cada subprojeto deste projeto de pesquisa. Desta maneira, as inquietações analíticas aqui declinadas, - em torno dos quadros da experiência social envoltos nas sociabilidades ordinárias do médio e do pequeno urbano; da situação de estrangeirice e contrastividade étnica do povo Warao aldeado em Mossoró/RN; das narrativas fílmicas de consumo massificado; e, por fim, da reestruturação ou refundação autoritária e ressentidas dos códigos morais e emocionais de brasilidade de 2014 até o presente, - perfazem os campos etnográficos e de observação e objetivação participante em formato simbólico-interacionista de pesquisa interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas.

A tônica do pensamento simbólico-interacionista de Erving Goffman, com efeito, se encontra na análise da ordem ritual interacional como fundamento do mundo moral e da ordem social, construídos estes pela ação simbólica reciprocamente direcionada. As relações sociais são vistas não como algo estruturado e estabelecido de uma vez por todas, mas como algo aberto e subordinado ao reconhecimento contínuo dos interactantes, de modo que os atores e agentes sociais são observados em seus palcos interacionais, onde desempenham papéis sociais específicos conforme a situação em que se deslocam performaticamente compondo *rostos em jogo, linhas, fachadas* e exercitando *estratégias de aproximação, afastamento e evitação do outro*.

A pesquisa em tela, como mencionado acima, parte de um conceito semiótico e simbólico-interacionista de cultura, entendida enquanto cultura emotiva e códigos de moralidade, de modo a poder problematizar interpretativa e analiticamente a ação de empreendedores morais desde suas construções de imagens e ideologias, pertencas e empreendimentos morais. Nesse sentido, cabe aqui um ligeiro esboço desse esquema conceitual.

Uma cultura emotiva se caracteriza como lugar de pertença e de realização de projetos, mas também lugar de medos e de envergonhamento. O conceito de cultura emotiva, destarte, abarca as cadeias de interdependência (ELIAS, 1994) e as teias de significado (GEERTZ, 1978) construídas nos processos intersubjetivos cotidianos. A pertença, como emoção basilar de uma cultura emotiva, é o lócus social da manifestação da normalidade normativa e do exercício de semelhança e dessemelhança nos processos de formação de individualidades, de registros únicos de experiência e significação mediante trocas materiais e simbólicas entre indivíduos sociais localmente situados. Indivíduos estes munidos de mapas cognitivos e emocionais que permitem leituras e visões de mundo em um lugar de fala próprio, mas sempre cultural e socialmente satisfeitos.

De acordo com Koury (2003, p. 79):

Ao lançar um mapa sobre um universo simbólico específico que forma um mundo comum, cada indivíduo socialmente, se reconhece e reconhece o outro real e simbólico, que dele e por ele emergem, enquanto semelhança, ou enquanto diferença, ou enquanto ambos.

A proposta, central nessa pesquisa, da Antropologia das Emoções e das Moralidades, neste sentido, é problematizar a construção de universos simbólicos na relação indivíduo, cultura e sociedade. A conformação do self individual, - da subjetividade do indivíduo social, - se realiza na sua inserção em uma cultura emotiva dada, onde constrói relações e através delas desenvolve um sentido identitário e de pertença a um espaço interacional e societal.

A cultura, com seus sistemas simbólicos em formato de ideologias em disputa e negociação, compreende as estruturas estruturantes e estruturadas dos idiomas e linguagens da interação simbólica. Deste modo, estas estruturas estruturantes e estruturadas uma vez mobilizadas por empreendedores morais, inscrevem e organizam o conflito social, definindo fronteiras, selecionando comportamentos, impondo normalidades, articulando utopias.

Nesse sentido, o exercício etnográfico pautado em autores como Geertz, Goffman, Becker e outros, objetiva a descrição densa, a análise êmica e a comparação transcultural de códigos públicos, socialmente estabelecidos, de conduta e comportamento, das categorias culturais e das hierarquias estratificadas de estruturas significantes: as estruturas conceituais complexas. Muito embora a Antropologia e a Cultura distingam-se fundamentalmente, tal como Gramática e Língua, - o que faz do exercício antropológico uma *fictio*, mas não uma falsificação, - a abordagem compreensiva etnográfica do real social insiste na interpretação do discurso social nativo, em bases microscópicas, partindo do particular e circunstancial para o geral.

Caber frisar, ainda, que este projeto de pesquisa parte de uma leitura simmeliana do urbano. Assim, o urbano aparece como comunidade social e culturalmente paradoxal e como sociabilidade ambígua, tensa e inacabada, construída nos processos indeterminados de interação simbólica entre indivíduos criativos e reflexivos em movimentos de aproximação e de intimidade, de estranhamento e de segregação.

A cidade é percebida, portanto, através dos processos cotidianos de produção das suas paisagens humanas e urbanas, - bairros, vizinhanças, ruas, pontos de encontro para o lazer e para o trabalho - em que homens comuns, personagens destacados, empreendedores morais e autoridades públicas constroem lugares de pertença e realizam trajetórias e curvas de vida em um contexto sociotécnico complexo e que reforça sociabilidades e sensibilidades individualistas e melancólicas.

O Projeto de Pesquisa *Emoções e Moralidades no Urbano Contemporâneo: problematizações socioantropológicas da experiência social no Oeste Potiguar* pretende, portanto, para além da integração de múltiplos interesses analíticos sobre o Urbano sob a ótica das Emoções e Moralidades, experimentar metodologicamente com *a análise de quadros da experiência social goffmaniana*. O cruzamento de fronteiras disciplinares para o entendimento profundo de estruturas conceituais êmicas, nesse sentido, implica na conjugação de múltiplos procedimentos (etnografia, diário de campo, observação e objetivação participante, banco de imagens, entrevistas e conversas informais, moradia atípica no contexto do campo de pesquisa, levantamento bibliográfico, análise de discurso etc.) e de múltiplas perspectivas de análise; enfatizando-se, com efeito, a integração das mesmas no marco mais amplo de um argumento científico empiricamente embasado.

## REFERÊNCIAS

ANSART, Pierre. História e Memória dos Ressentimentos. In: Stella Bresciani e Márcia Naxara (Orgs). *Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: EdUNICAMP, p. 15-36, 2009.

ANSART-DOURLIN, Michèle. O ressentimento e a igualdade: contribuição para uma antropologia filosófica da democracia. In: Stella Bresciani; Márcia Naxara (Orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: EdUNICAMP, p. 347-365, 2009.

ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BARBOSA, Raoni Borges. *Medos Corriqueiros e Vergonha Cotidiana: Um Estudo em Antropologia das Emoções*. Cadernos do GREM Nº 8. Editora Bagaço: Recife; Edições do GREM: João Pessoa, 2015.

BARBOSA, Raoni Borges. *Emoções, lugares e memórias: um estudo sobre as apropriações morais da Chacina do Rangel*. Mossoró – RN: EDUERN, 2019.

BARBOSA, Raoni Borges. *Emoções e Moralidades, Lugares e Memórias: Uma abordagem antropológica do urbano contemporâneo desde a tradição simbólico-interacionista de Erving Goffman*. Projeto de Pesquisa PPGCISH, 2019a.

BARBOSA, Raoni Borges. *UERN em imagens e ideologias: sentimento de pertença e empreendedorismo moral nos lugares universitários*. Projeto de Pesquisa DCSP, 2020.

BARBOSA, Raoni Borges. *Emoções e Moralidades, Lugares e Memórias: narrativas orais e visuais nas sociabilidades urbanas dos bairros de Mossoró-RN*. Projeto de Pesquisa DCSP, 2020a.

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

BARTHES, Roland. *Fragments de um discurso amoroso*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

BECK, Ulrich. *Weltrisikogesellschaft: auf der Suche nach der verlorenen Sicherheit*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2007.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *The social construction of reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. USA: Penguin Books, 1966.

BERGER, Peter. *O riso redentor. A dimensão cômica da experiência humana*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.

COSTA, Jean Henrique. *Cinema Teoria Social: Ensaio Circunstanciais*. Projeto PPGCISH, 2019.

COSTA, Jean Henrique; BARBOSA, Raoni Borges (Orgs.). *Cinema e Teoria Social: Ensaio Circunstanciais*, v.2. Mossoró: Edições UERN, 2020.

COSTA, Jean Henrique; BARBOSA, Raoni Borges (Orgs.). *Admirável Mundo Novo: As Ciências Sociais e a Pandemia da Covid-19*. São Paulo: Editora LUCEL, 2020.

DaMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DaMATTA, Roberto. *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e a morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, v. 1. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FRANCO, Marielle. *UPP – A redução da favela a três letras: Uma análise da Política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro*. Dissertação. UFF/PPGAd: Niterói-RJ, 2014.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GEERTZ, Clifford. *Atrás dos fatos. Dois países, quatro décadas, um antropólogo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

GEERTZ, Clifford. *A vida entre os Antros e outros ensaios*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

GINZBURG, Carlo. *Medo, reverência, terror*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

GOFFMAN, Erving. *Comportamento em lugares públicos*. Petrópolis: Editora Vozes: 2010.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: Ensaio sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social: Uma perspectiva de análise*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

GOFFMAN, Erving. Sobre o resfriamento do marca: alguns aspectos da adaptação ao fracasso. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 39, p. 266- 283, 2014.

GUSFIELD, J. R. *The culture of public problems: Drinking-driving and the symbolic order*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

GUSFIELD, Joseph R. *Symbolic crusade: Status Politics and the American Temperance Movement*. Chicago: University of Illinois Press, 1986.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do Agir Comunicativo*, v. 1 e 2. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

IANNI, Octavio. *Pensamento social no Brasil*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

INGOLD, Tim. *Antropologia. Para que serve?* Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

JACOBSON, D. *Reading Ethnography*. Albany: State University of New York Press, 1991.

KONSTAN, David. Ressentimento: História de uma emoção. In: Stella Bresciani; Márica Naxara (Orgs.). *Memória e (Res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: EdUNICAMP, p. 59-80, 2009.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Enraizamento, pertença e ação cultural. *Cronos*, v.2, n.1, p.131-137, 2001.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O local enquanto elemento intrínseco da pertença. In: Cláudia Leitão (Org.), *Gestão Cultural*. Fortaleza: Banco do Nordeste, p. 75-88. 2003.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *Etnografias Urbanas sobre Pertença e Medos na Cidade*. Cadernos do GREM N° 11. João Pessoa: Edições do GREM; Recife: Bagaço, 2017.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. *As Teorias do Desenvolvimento Social e a América Latina*. Cadernos do GREM N° 1, 2ª. Edição. João Pessoa: Edições do GREM, 2017a.

MARICATO, Ermínia. Urbanismo na periferia do mundo globalizado. *Metrópoles brasileiras. São Paulo em Perspectiva*, v. 14, n. 4. 2000.

MARICATO, Ermínia. *Para Entender a Crise Urbana*. 1. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENDELBAUM, Enrique. Franz Kafka: Um judaísmo na ponte do impossível. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

MILLER, William Ian. *Humiliation and Other Essays on Honor, Social Discomfort, and Violence*. Ithaca & London: Cornell University Press, 1995.

MUÑOZ, Jenny Gregoria González. *La Oralidad como Instrumento Esencial para la Reconstrucción de la Memoria Etnohistórica del Pueblo Warao*. Tesis Doctoral en el Doctorado en Cultura y Arte: América Latina y El Caribe. Universidad Pedagógica Experimental Libertador. Venezuela, 2009.

MUÑOZ, Jenny Gregoria González. 2019. Etnia indígena Warao: visibilidade de los prejuicios occidentales contemporáneos hacia la ancestralidad. *Revista Serviço Social & Saúde*. Campinas, SP. v. 18, p. 1-27, 2019.

NAVARO-YASHIN, Y. Affective spaces, melancholic objects: ruination and the production of anthropological knowledge. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2009.

NETO, Lira. Uma história do samba: as origens. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, v. 1, n. 10, 1993.

REGT, Ali de. Ofensiva civilizadora: do conceito sociológico ao apelo moral. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n.47, p. 137- 153, 2017.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, Marcio; SONEGHETTI, Pedro Moutinho Costa; TARRAGÓ, Eduardo. *Parecer Técnico Nº 328/2018 – DPA/SPPEA/PGR*. Ministério Público Federal (MPF), 2018.

SCHEFF, Thomas J. *Microsociology: discourse, emotion, and social structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Brasil: Uma Biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Eliane Anselmo da; BARBOSA, Raoni Borges. *Os Warao em Mossoró: Notas etnográficas dos primeiros contatos e estranhamentos*. Projeto DCSP, 2020.

SILVA, Eliane Anselmo da; BARBOSA, Raoni Borges. *Os Warao em Mossoró: Notas etnográficas dos primeiros contatos e estranhamentos*. Turismo: Estudos & Práticas, Mossoró/RN, Caderno Suplementar 05, 2020, p. 1-9.

SILVA, Francisco Diassis da; COSTA, Jean Henrique; BARBOSA, Raoni Borges. A fruição do tempo livre nos espaços e equipamentos de lazer na cidade de Mossoró-RN. *Sociabilidades Urbanas – Revista de Antropologia e Sociologia*, v.4, n.10, p. 81-104, 2020.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a diáde. In: Fernando Henrique Cardoso; Octávio Ianni (Orgs.). *Homem e Sociedade*. 5ª edição, São Paulo: Editora Nacional, p. 128-135, 1970.

SIMMEL, Georg. O dinheiro na cultura moderna, In: Jessé de Souza; Berthold J. Oélze (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, p. 41-76, 1998.

SIMMEL, Georg A divisão do trabalho como causa da diferenciação da cultura subjetiva e objetiva, In: S Jessé de Souza; Berthold J. Oélze (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, p. 23-40, 1998a.

SIMMEL, Georg. O conceito e a tragédia da cultura. In: S Jessé de Souza; Berthold J. Oëlze (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, p. 790108, 1998b.

SIMMEL, Georg. O indivíduo e a liberdade, In: S Jessé de Souza; Berthold J. Oëlze (Orgs.). *Simmel e a modernidade*. Brasília: Editora UnB, p. 109-117, 1999c.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. *Mana*, v.11, n.2, p. 577-591, 2005.

SOUSA, Ângelo Gabriel Medeiros de Freitas; Barbosa, Raoni Borges. *A cultura do medo a partir de modelos arquitetônicos de imóveis em Mossoró-RN*. Anais do IV EAVAAM. UFPA: Belém, 2020.

SOUSA, Ângelo Gabriel Medeiros de Freitas; Barbosa, Raoni Borges. *OUSADIA JUVENIL: atuação dos jovens contra a violência*. Anais da IV Semana de Antropologia da UFS. UFAL: Aracaju, 2021.

SOUSA, Ângelo Gabriel Medeiros de Freitas; Barbosa, Raoni Borges. *Discurso de Modernidade e cultura material no centro de Mossoró/RN*. Anais da IV Semana de Antropologia da UFS. UFAL: Aracaju, 2021a.

SOUSA, Ângelo Gabriel Medeiros de Freitas; Barbosa, Raoni Borges. *“Praça do Nova Vida/Malvinas: montagens morais, sociabilidades de lazer e processos de ocupação no bairro do Nova Vida/Malvinas, em Mossoró-RN”*. Anais do Seminário Discente do PPGS da UFMG. UFMG: Belo Horizonte, 2021b.

SOUZA, Winnie Alves de; SOUSA, Ângelo Gabriel Medeiros de Freitas; BARBOSA, Raoni Borges. Cultura emotiva e moralidades em diálogos: reflexões em etnografia urbana. *Sociabilidades Urbanas - Revista de Antropologia e Sociologia*, v. 5, n. 14, pp. 13-33, 2021.

TURNER, Victor W. *Dramas, campos e metáforas - ação simbólica na sociedade humana*. Niterói: EdUFF, 2008.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes, 2013.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade: uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. *Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999a.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VINCENT, Andrew. *Ideologias políticas modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

WIRTH, Louis. “O Urbanismo como Modo de Vida”. In VELHO, Otávio G. (Org), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro: Zahar, p. 90-11, 1979.

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos (Orgs.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

### **Cronologia do Processo Editorial**

*Editorial Process Chronology*

Recebido em: 25/01/2025

Aprovado em: 10/04/2025

Received in: January 25, 2025

Approved in: April 10, 2025